

JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Geert Suwelack

O final do século passado trouxe para os brasileiros uma fase decisiva da sua formação como povo. Em 1888 abolira-se por fim a escravatura, um ano depois destronou-se o velho imperador. Embora justamente D. Pedro II tenha sido para o seu povo antes um pai do que um imperador, um novo sentimento de vida cresceu poderosamente, pois o povo brasileiro despertara para uma primeira percepção de si mesmo como entidade. Mas esta auto-identificação era ainda como uma dádiva dos céus, que sobre a terra precisa ser conquistada. Assim, através de muitas obras poéticas daquela época expressa-se algo que até hoje está à espera de ser totalmente conquistado.

O poeta Cruz e Sousa teve uma capacidade especial de estabelecer um íntimo contato com a entidade ainda difusa do seu povo, mas até os nossos dias são poucos aqueles que realmente compreenderam o que Cruz e Sousa pretendia. A poesia Brasileira sempre sofreu com o fato de ser o gosto de sua respectiva época orientado pelas correntes do exterior, principalmente da França. Os imitadores mais ou menos maneirosos dos poetas recebiam os aplausos do dia. Por isso Cruz e Sousa em seu breve tempo de vida teve de lutar para trazer à luz sua mensagem. Mas o destino sempre lhe deu amigos e companheiros fiéis que o auxiliaram em muitas situações difíceis de sua vida.

João da Cruz e Sousa nasceu em 24 de novembro de 1861, em Desterro, Capital do Estado de Santa Catarina. Era filho de escravo. Seu pai era pedreiro e pertencia ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa, que de sua parte o herdara de seu pai. O Marechal era um homem bondoso e, como ele e sua esposa, Dona Clarinda, não tinha filhos, envolveram o pequeno João de cuidados enternecedores, educando-o e permitindo-lhe freqüentar uma escola superior, onde na ocasião o conhecido cientista Fritz Mueller, amigo de Darwin e Haeckel, e verdadeiro descobridor da lei biogenética fundamental, lecionava as matemáticas e ciências naturais. Mueller gostava muito do aplicado aluno João e chamava-o de "meu discípulo amado"

Ao vinte anos o jovem João, equipado com tudo o que sua época podia dar-lhe em instrução e formação, colocou-se com todo o ardor da sua juventude a serviço da luta pela libertação dos escravos. A realização de tal meta tinha para ele um imenso significado. Supõe-se muitas vezes que ele sofria pelo fato de ser negro, mas eram antes altos ideais humanos que o moviam. Através de sua poesia fala um espírito elevado e livre e talvez por isso ele fosse tão pouco compreendido, porque inadvertidamente nos encontramos diante de uma alma que, estando "emparedada" (assim ele mesmo o definia) num invólucro tão terra-a-terra, era capaz de fazer brotar pensamentos tão lúcidos, pode-se até dizer de ingênua sabedoria.

A obra poética de João da Cruz e Sousa divide-se em três fases bem distintas. Cada uma destas fases é curta, pois são pouco mais de dez anos o seu período criativo. Como ponto alto da primeira fase aparecem os "Broquéis". Aqui Cruz e Sousa não tanto se defende em sua poesia - isto ele o faz também mas principalmente ele "ergue sobre seu escudo" algo que ele quer tornar visível diante de todo o mundo. O que então se torna visível é um sofrimento imenso pelo mundo, um doloroso situar-se em relação ao mundo que o rodeia. Em cada fibra do seu ser ele era dedicado ao Belo. Muitas vezes foi alvo de piadas, porque sempre se trajava impecavelmente e dava grande importância à sua aparência exterior. Uma das poesias dos seus "Broquéis" começa assim

ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras..

Formas de Amor, consteladamente puras,
De virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas..

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume..

Seus sofrimento pelo mundo torna-se então especialmente visível nas poesias "Acrobata da Dor", "Pandemônio" ou "Violões que Choram".

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
Noites da solidão, noites remotas
Que nos azuis da fantasia bordo,
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua.
Anseio dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos violões chorosos...

A segunda fase de sua obra inicia-se pouco depois com a conclusão dos "Faróis". Se no primeiro período o elemento motivador era mais o efeito que o mundo ao redor exercia sobre a alma do poeta, agora ele dirige sua atenção para fora. Mas na primeira fase ele havia feito um sacrifício, isto é, o sacrifício que sempre acompanha um verdadeiro auto-conhecimento. Assim, o poeta agora olha para o mundo e este começa a transformar-se do mesmo modo que o próprio poeta se transforma. Cria então cantos de longas estrofes, os quais demonstram como o poeta cada vez mais ganha a necessária distância para permitir que as coisas e ele mesmo possam expressar-se em sua maneira de ser.

Entre os cantos deste período, um se destaca e leva o título "Monja Negra". Esta Monja Negra não é uma determinada pessoa corpórea, mas a Noite! Ao lê-lo, involuntariamente sentimos em nosso íntimo analogia com a essência dos "Hinos à Noite" do incomparável Novalis:

E teu esse espaço, é teu todo o infinito,
Transcendente Visão das lágrimas nascida,
Bendito o teu sentir, para sempre bendito
Todo o teu divagar na Esfera indefinida!

Através de teu luto as estrelas meditam
Maravilhosamente e vaporosamente;
Como olhos celestiais dos Arcanjos nos fitam
Lá do fundo negror do teu luto plangente.

Depois descreve como a alma errante do infinito encontra para o amor portões amplos e abertos. No fundo dourado do quadro que se nos abre destaca-se a visão de grandes águas em cujas margens, nos "golfsos do além", emudece para sempre todo o noturno soluçar. O poeta continua:

Ah! Noite original, noite desconsolada
Monja da solidão, espiritual, e augusta,
Onde fica o teu reino, a região vedada,
A região secreta, a região vetusta?!

e logo em seguida.

Almas dos que não têm o Refúgio supremo
Das altas contemplações, dos mais altos mistérios,
Vinde sentir da Noite o Isolamento extremo,
Os fluidos imortais, angelicais, etéreos.

O canto encerra como uma oração:

Abençoa meu ser, unge-o dos óleos castos,
Enche-o de turbilhões de sonâmbulas aves,
Para eu me difundir nos teus Sacrários castos,
Para me consolar com os teus Silêncios graves.

A terceira e última fase da criação poética de Cruz e Sousa inicia-se pouco antes de sua morte. Aparecem então os "Últimos Sonetos". Só podemos compreendê-los corretamente, se levarmos em conta que Cruz e Sousa era um espírito inteiramente livre. Embora fosse batizado no catolicismo, não sentia qualquer ligação com a igreja. A profunda religiosidade expressada através dos "Últimos Sonetos" é antes de tudo o fruto da luta íntima de um espírito livre. Cada um destes sonetos é uma consumada obra de arte em forma, conteúdo, ritmo e melodia, portanto em tudo o que se pode esperar de uma poesia. Mas além disso, vibra em seus versos uma vida supra-terrena que já encontrou sua verdadeira origem.

Com a discrição e reserva exigidas em tais relações, pode-se talvez dizer que nos três períodos de criação do poeta vive algo daquilo que caracteriza um autêntico culto religioso; partindo do sacrifício, passando pela transformação para a comunhão.

Em 1897, Cruz e Sousa adoece gravemente de tuberculose. Em vão busca a cura na cidade de Sítio, em Minas Gerais, auxiliado por amigos. Lá veio a falecer em 19 de março de 1898.

ALMA DAS ALMAS

Alma das almas, minha irmã gloriosa,
Divina irradiação do Sentimento,
Quando estarás no azul Deslumbramento,
Perto de mim, na grande Paz radiosa?!

Tu que és a lua da Mansão da rosa
Da Graça e do supremo Encantamento,
O círio astral do augusto Pensamento
Velando eternamente a Fé chorosa;

Alma das almas, meu consolo amigo,
Seio celeste, sacrossanto abrigo,
Serena e constelada imensidade;

Entre os teus beijos de eterna carícia
Sorrindo e soluçando de delícia,
Quanto te abraçarei na Eternidade?!